AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA
ISSN 1516-3441

10.18764/2525-3441v11n30.2026.09

"ERA UMA MULHER MUITO BOA": A ALTERIDADE CONSTITUTIVA DE WEBNOTÍCIAS SOBRE FEMINICÍDIOS

"SHE WAS A VERY GOOD WOMAN": THE CONSTITUTIVE OTHERNESS IN ONLINE NEWS ARTICLES ON FEMICIDES

Rafaela Oppermann Miranda
https://orcid.org/0000-0002-7864-1313

Patrícia da Silva Valério
https://orcid.org/0000-0003-4664-9625

Resumo: O objetivo deste trabalho consiste em analisar a alteridade constitutiva de duas webnotícias sobre feminicídios, ambas publicadas em 2022 pelo jornal *O Nacional*, localizado em Passo Fundo, cidade do norte gaúcho. A fundamentação teórica e metodológica está centrada em postulados oriundos de escritos do Círculo de Bakhtin, bem como em apontamentos de Brait e Gonçalves (2024) acerca da noção de existência discursiva. A análise se volta a elementos linguísticos e enunciativos responsáveis pela caracterização das mulheres em cada um dos textos. O olhar para os dados permite visualizar relações dialógicas e de alteridade determinantes para a constituição discursiva, especialmente por meio da tensão entre vozes sociais patriarcais, que culpabilizam as vítimas de feminicídio.

Palavras-chave: Existência discursiva; Relações dialógicas; Vozes sociais.

Abstract: The objective of this study is to analyze the constitutive otherness of two online news articles on femicides, both published in 2022 by the newspaper *O Nacional*, based in Passo Fundo, a city northern Rio Grande do Sul. The theoretical and methodological framework is centered on postulates derived from the writings of Bakhtin's Circle, as well as on observations by Brait and Gonçalves (2024) regarding the notion of discursive existence. The analysis focuses on linguistic and enunciative elements responsible for the characterization of women in each of the texts. An examination of the data reveals dialogical and alterity relationships that are decisive for discursive constitution, especially through the tension between patriarchal social voice, which blame on the victims of femicide.

Keywords: Discursive existence; Dialogical relationships; Social voices.

10.18764/2525-3441v11n30.2026.09

INTRODUÇÃO

A agenda de pesquisa brasileira do campo da Linguística Aplicada (LA) abrange, de modo crescente, pautas do mundo contemporâneo, como, por exemplo, a violência de gênero. É possível até mesmo caracterizar uma LA Implicada, que se realiza, de acordo com a estudiosa Souto Maior (2023, p. 66), primordialmente mediante "discussões práticas na elaboração dos projetos, na construção coletiva de critérios de recorte de pesquisa e na seleção de temas que promovem o engajamento dos estudos acadêmicos em questões sociais".

Diante desse quadro, apresentamos este trabalho, que reelabora parte de uma discussão anterior, concretizada na forma de uma dissertação de mestrado, cujo tema consiste na constituição discursiva dialógico-valorativa[1] de webnotícias sobre feminicídios ocorridos no noroeste gaúcho, publicadas em 2022 (Miranda, 2025).

Para a antropóloga argentina Rita Segato (2012a), o feminicídio se caracteriza como um sintoma da atual barbárie de gênero, vinculado a novas formas de guerra. Nesse prisma, devemos observar que, apesar do aparato legislativo brasileiro instituído com o propósito de proteger as mulheres, indicadores nacionais permitem constatar registros elevados de tentativas e feminicídios consumados no país.

Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023, 2025), no ano de 2022, todos os indicadores nacionais de violência doméstica registraram elevação. Os casos de feminicídios cresceram 6,1% em relação ao ano anterior e as tentativas subiram 16,9%. Já em 2024, o Brasil registrou alta de 0,7% nos casos de feminicídios, marcando uma escalada da violência contra a mulher no país.

Efetivamente, com a pandemia de Covid-19, deflagrada em 2020, os índices de violência contra a mulher dispararam a nível mundial, caracterizando uma "pandemia invisível", nos termos de Phumzile Mlambo-Ngcuka, então diretora executiva da ONU Mulheres (2020). O adjetivo "invisível" seria justificado pela baixa notoriedade recebida pelo fenômeno

[1] Usamos esta expressão para evidenciar a inter-relação entre dialogismo e valoração.

frente à Covid-19 naquele contexto. Entretanto, questionamos se a violência contra a mulher se tornou visível agora, neste período pós-pandemia. As cifras divulgadas têm potencial de operar a favor da visibilidade do problema. E a mídia jornalística, como trata essa realidade? A pesquisa que deu origem a este artigo foi movida por essa curiosidade.

Dada essa conjuntura, o artigo tem como objetivo analisar a alteridade constitutiva de duas webnotícias sobre feminicídios, publicadas em 2022 no jornal *O Nacional*, situado na cidade de Passo Fundo. A tarefa encontra justificativa na oferta de contribuições à compreensão da realidade de violência contra a mulher, tendo em vista a problematização de sentidos construídos e compartilhados nas interações sociais.

O aporte teórico e metodológico consiste na perspectiva dialógica da linguagem, advinda de Bakhtin e do Círculo. Além das fontes primárias, que correspondem a trabalhos dos membros Mikhail Bakhtin (2010, 2015, 2016a, 2016b) e Valentin Volóchinov (2018, 2019), mobilizamos contribuições oriundas do estudo de Brait e Gonçalves (2024) acerca da noção de existência discursiva.

O texto se organiza em três partes, afora esta introdutória e aquela dedicada às considerações finais. Na primeira, propomos uma aproximação entre formulações do pensamento bakhtiniano e do feminismo dialógico. Já na segunda seção, exploramos o princípio dialógico da linguagem, porta de entrada para a compreensão de alteridades. Na terceira e última parte, apresentamos os critérios de definição do material de análise e procuramos analisar as webnotícias, observando a relação constitutiva entre o *eu* e o *outro*.

FEMINICÍDIO E(M) VISADA DIALÓGICA

Ao considerar o potencial do pensamento bakhtiniano como derivado, em certa medida, de sua natureza dialógica, distinguimos essa índole também no diálogo que cultiva com uma vasta diversidade de ciências humanas (Bezerra, 2017). Em vista disso, apresentamos uma discussão interdisciplinar acerca do feminicídio, buscando contribuir com o enfoque dialógico de nosso olhar dirigido aos aspectos linguístico-discursivos dos textos noticiosos.

Na visão de Segato (2022), o patriarcado apresenta um caráter arcaico enquanto ordem política fundacional e fundamental da desigualdade entre homens e mulheres. Podem ser tomadas como exemplos dessa ordem variações de narrativas de origem, como a narrativa bíblica ocidental, na qual o pecado se converte em desígnio à humanidade a partir da ação de Eva.

Precisamos observar que, na contemporaneidade, o patriarcado vem se revestindo de novas expressões, mais cruéis e letais, como o feminicídio. Não se deve levar a crer que a morte de mulheres em razão de gênero seja uma expressão moderna, afinal, como nos lembra a socióloga brasileira Heleieth Saffioti (2015), na Roma Antiga, por exemplo, constituía um direito do patriarca matar sua esposa, valendo-se, muitas vezes, da tese da legítima defesa da honra.

Em que pese a distância espaço-temporal, merece ser lembrada a declaração de inconstitucionalidade dessa tese no Brasil pelo Supremo Tribunal Federal (STF), no ano de 2023. Trata-se de um gesto importante de rompimento de valores arcaicos da sociedade patriarcal, ainda profundamente enraizados no judiciário brasileiro e, por consequência, no comportamento social.

Atualmente, embora a legislação não permita, homens seguem assassinando mulheres diariamente. Como exemplo, apenas no mês de janeiro de 2026, onze assassinatos de mulheres ocorreram no estado gaúcho[2]. O número é superior ao registrado no mesmo período de 2025, quando foram contabilizados nove feminicídios, conforme indicadores do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (2026).

Diante dessa realidade, cumpre atentar para certos aspectos relativos à formulação da categoria feminicídio. De acordo com Segato (2006), as bases dessa categoria constam de uma publicação da década de 1990, de autoria das americanas Diana Russell e Jane Caputi, sendo a palavra "feminicídio" proposta para definir o extremo de um continuum de terror, abrangendo uma variedade de abusos.

[2] Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/rio-grande-do-sul-tem-11-casos-de-feminicidio-em-29-dias/. Acesso em: 06 fev. 2026.

No Brasil, a categoria analítica “feminicídio” foi usada pela primeira vez em 1995 (Pasinato, 2011). Duas décadas depois, em 2015, o termo “feminicídio” foi incorporado ao Código Penal, por meio da Lei 13.104, como circunstância qualificadora de homicídio, incluído na lista dos crimes hediondos (Brasil, 2015). A aprovação da lei ocorreu durante o governo de Dilma Rousseff e, mais especificamente, no mesmo ano em que teve início o processo que colocou fim ao mandato da primeira presidenta do país. Naquele contexto, proliferaram abordagens que vinculavam negativamente a tipificação do crime a uma bandeira feminista, refletindo certa deslegitimação do tema da violência contra a mulher.

Apoiando-nos no pensamento bakhtiniano, entendemos que a realidade concreta da língua se apresenta estratificada em linguagens socioideológicas. Isso significa dizer que, em cada situação de emprego da língua, cruzam-se forças centralizadoras (centrípetas) e forças descentralizadoras (centrífugas), tendências contraditórias da vida da linguagem que dão o tom valorativo das palavras, dos enunciados e dos discursos.

Aquelas forças (centrípetas) são responsáveis por centralizar e unificar o pensamento verbovalorativo num processo de centralização sociocultural. As forças centrífugas, por sua vez, atuam constantemente ao lado das forças centrípetas, buscando libertar a diversidade de linguagens e de pontos de vista condicionados pela língua. Com efeito, a linguagem se constitui como um espaço de luta entre discursos, vozes sociais, visões de mundo (Bakhtin, 2015).

Compreendemos, dessa forma, que a emergência e a difusão do termo “feminicídio” revelam o domínio de forças sociais defensoras dos direitos das mulheres, forças que, com base em Bakhtin (2015), alcançamos conceber como centrífugas. Em oposição, constituem as forças centrípetas aqueles valores patriarcais associados à força e à dominação, tal como apontados por hooks (2018), evidenciados em discursos e práticas sociais que objetificam a mulher e a caracterizam como frágil, dependente e incapaz.

Nesse prisma, devemos observar a frequente abdicação do uso da palavra “feminicídio” por parte de instituições sociais, como é o caso do jornal.

Esse fenômeno funciona a serviço de uma tendência centrípeta de contenção da pluralidade verboideológica da vida social. Dessa forma, é indicativa de uma lógica de redução da relevância dos assassinatos de mulheres motivados pela condição feminina, pois, como pontua Segato (2012b), a indistinção dos feminicídios reforça a transferência desses crimes à esfera privada das relações.

Isso posto, queremos, a partir de agora, explorar o modo como a associação do feminismo dialógico a formulações do pensamento bakhtiniano pode determinar a análise, via linguagem, do feminicídio.

O feminismo dialógico corresponde à proposição introduzida no início deste século pela socióloga colombiana Lídia Puigvert como uma alternativa que "advoga a radicalização da democracia, numa aposta pela capacidade de ação e reflexão de todas as pessoas" (Puigvert; Ruíz, 2003, p. 49). No Brasil, a filósofa Márcia Tiburi (2023) vem contribuindo significativamente com as discussões ao conceber o feminismo dialógico como um caminho para um feminismo em comum.

Essa perspectiva se aproxima do pensamento bakhtiniano ao apontar para o papel edificante desempenhado pelo *outro* no discurso e na vida. No que se refere à concepção de linguagem do Círculo, especificamente, a noção de alteridade resulta evocada à medida que o discurso é concebido como orientado a alguém e a outros discursos, anteriores e ulteriores, tal como assinalado em trabalhos como o de Bakhtin (2015). Além disso, tanto o feminismo dialógico quanto a teoria bakhtiniana distinguem o conhecimento da coisa e o conhecimento do sujeito ao postularem esse último como caminho para construir compreensões acerca de realidades sociais.

Nesse sentido, destacamos a ponderação das estudiosas Di Fanti, Boenavides e Martins (2021, p. 578) acerca de um dos principais aportes bakhtinianos à perspectiva feminista dialógica. Trata-se "do necessário respeito ao *outro* como centro de valor tão importante quanto o *eu*, ou ainda, o *outro* como condição para a existência do *eu*". Assim, visualizamos o chão comum ao feminismo dialógico e à perspectiva bakhtiniana de linguagem: a

alteridade, com a tensão que lhe é inerente, como condição fundante da vida e da constituição dos sujeitos.

No âmbito desta discussão, devemos reconhecer a primogenitura do outro, ou seja, sua presença prévia como condição para o eu, conforme elucida Bubnova (2009). Como falantes, não nos relacionamos com um mundo constituído por objetos virgens, tal como o Adão bíblico (Bakhtin, 2016b), mas sim com um mundo povoado por objetos já nomeados, já valorados. Nas palavras da autora, "O eu, então, se forja e se torna sujeito em uma permanente interação com o outro, em um constante devir do ato (ético)" (Bubnova, 2009, p. 135, tradução própria)[3]. Em poucas palavras, podemos dizer que o eu não precede o outro, mas emerge a partir dele. Delineia-se, assim, o caráter constitutivo da alteridade para a vida humana, relação nem sempre harmônica, mas indispensável à existência do sujeito.

Para a teoria bakhtiniana, apenas no ponto de contato com o *outro*, que dispõe de um excedente de visão definível pela alteridade, o *eu* encontra acabamento. A consciência humana e a própria vida acabam, assim, por dialogizar-se. Através do *outro*, com a ajuda desse *outro*, o *eu*, por fim, torna-se *eu*, em um gesto elevado de sociabilidade, interdependência e contraposição entre as partes, o qual se apoia no dialogismo e na alteridade como princípios constitutivos da vida.

Ao nos voltarmos a textos jornalísticos, contemplamos a possibilidade de realizar aquilo que Di Fanti, Boenavides e Martins (2021, p. 581) entendem como sendo "acessar seus variados funcionamentos nos diferentes eventos da vida" e ainda "tomarmos consciência do quanto a nossa posição ética, ativa e responsiva pode contribuir para uma sociedade mais justa e menos desigual". Com efeito, em consonância com o entendimento dessas autoras, o feminismo dialógico oferece um aporte à observação dos lugares assumidos pelos interlocutores e à análise de suas avaliações em relação aos objetos do discurso; o pensamento bakhtiniano, por sua vez, apresenta subsídios ao exame e à compreensão das relações de alteridade, aspecto que contemplamos na discussão a seguir.

[3] No original, "El yo, entonces, se forja y se vuelve sujeto en una permanente interacción con el otro, en un constante devenir del acto (ético)" (Bubnova, 2009, p. 135).

10.18764/2525-3441v11n30.2026.09

O PRINCÍPIO DIALÓGICO DA LINGUAGEM

Neste trabalho, assumimos o diálogo como fenômeno discursivo amplo que propicia observar relações de alteridade na linguagem. A alteridade, então, é concebida como elemento basilar e fundante do dialogismo, logo, da vida dos discursos. Nesse sentido, precisamos lembrar que, para o Círculo de Bakhtin, o diálogo é concebido não só como evento de comunicação direta face a face (sentido estrito), mas também como qualquer comunicação discursiva (sentido amplo). Conforme Volóchinov (2018, p. 219),

> o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo.

Apoiando-nos em Faraco (2009), podemos afirmar que, mesmo quando os membros do Círculo se ocupam do diálogo face a face, sua preocupação central radica em compreender as forças atuantes nessa situação de interação e, portanto, condicionantes do discurso produzido em tal diálogo. Em síntese, tratam de compreender o diálogo (sentido amplo) no diálogo (sentido estreito).

O interesse pelo caráter dialógico da linguagem se evidencia com a afirmação de Bakhtin (2015, p. 51), presente em *O discurso no romance*, texto de 1934-35, a propósito de que a orientação dialógica não é senão "a diretriz natural de qualquer discurso vivo". Ora, para o pensamento bakhtiniano, todo discurso, sem exceção, surge orientado tanto ao já dito quanto às respostas vindouras, comparecendo, desse modo, a uma interação viva e dinâmica com a palavra alheia.

Nessa perspectiva, devemos recordar o objeto da nova disciplina consignada por Bakhtin (2010) em *Problemas da poética de Dostoiévski*, obra de 1963. Para ele, no âmbito dos estudos da linguagem, ao lado da linguística, voltada ao plano estritamente linguístico, deveria estar a metalinguística, orientada para o plano discursivo, albergue dos componentes linguísticos e

extralinguísticos [4]. O objeto primordial desta última disciplina estaria, para tanto, nas relações dialógicas, que impregnam a vida da linguagem, especialmente a palavra bivocal.

Em seu manuscrito anterior, *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, datado dos anos 1959-61, Bakhtin (2016a, p. 91) já caracterizava as relações dialógicas como "relações semânticas de tipo especial", as quais emergem do encontro de enunciados. Para o mestre russo, mesmo distantes no tempo e no espaço, se confrontados em termos de sentido, enunciados alheios terminam em relação dialógica. Nesse mesmo texto, Bakhtin (2016a) nos alerta quanto a uma concepção de relações dialógicas limitada à discussão ou à polêmica, visto que a concordância se constitui como uma importante forma de relação dialógica e, mesmo quando se observa concordância, persistem tensões constitutivas.

A propósito dessas relações, cumpre observar que elas são possíveis não apenas entre enunciados como também entre partes significantes de enunciados — inclusive palavras isoladas — e entre estilos de linguagem, desde que entendidos como posições semânticas dos falantes (Bakhtin, 2010). Igualmente, as relações dialógicas encontram condição de existência em relações de natureza lógica ou concreto-semântica sem, contudo, reduzirem-se a elas. Isso significa que relações lógicas e concreto-semânticas podem se tornar dialógicas, mediante expressão em enunciados concretos.

Na visão de Bakhtin (2015, 2016a), compreender um enunciado também é entrar em relação dialógica com essa dada unidade da comunicação discursiva, é responder a ele. De tal modo, a compreensão adquire natureza dialógica à medida que o sujeito cognoscente se ocupa do texto em sua relação com a realidade concreta e assume o diálogo como nascedouro de todo e qualquer discurso.

Efetivamente, a possibilidade de resposta a um dado enunciado é tida por Bakhtin (2016b), em *Os gêneros do discurso*, manuscrito de 1952-53, como o mais importante critério de conclusibilidade de tal unidade. Isso é assim tendo em vista que um enunciado é sempre proferido para alguém em busca

[4] Faraco (2009) entende que a proposta de Bakhtin para a disciplina se aproxima dos estudos desenvolvidos atualmente no âmbito da análise do discurso.

de uma reação e que, portanto, é pela antecipação dessa resposta que se determinam seus limites, seu conteúdo semântico-objetal (acabamento do tema), a própria intenção do falante e as formas do gênero discursivo.

A consideração da natureza dialógica da linguagem requer a observação dos gêneros discursivos, posto que neles a linguagem encontra concretude. Segundo Bakhtin (2016b), todos os campos da atividade humana são capazes de elaborar seus repertórios de gêneros discursivos. Para tanto, os gêneros do discurso correspondem "a situações típicas da comunicação discursiva, a temas típicos, por conseguinte, a alguns contatos típicos dos *significados* das palavras com a realidade concreta em circunstâncias típicas" (Bakhtin, 2016b, p. 52).

Nesse quadro, a linguagem somente existe no fluxo social da comunicação, "vive e se forma no plano histórico justamente aqui, na comunicação discursiva concreta", como afirma Volóchinov (2018, p. 220). Tal fenômeno se dá sob a forma de enunciados pertencentes a determinados gêneros do discurso, dos quais o falante assimila as palavras para, em seguida, reelaborá-las e reacentuá-las de acordo com suas intenções comunicativas. Nos termos de Bakhtin (2016b, p. 54), "a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros". Disso decorrem os ecos e as ressonâncias passíveis de verificação nos enunciados, elementos que entendemos como representantes máximos tanto do dialogismo como da alteridade, constitutivos dos discursos. Procedemos, então, à análise desses aspectos.

A ALTERIDADE CONSTITUTIVA DE WEBNOTÍCIAS

Na perspectiva dialógica da linguagem, a alteridade funciona como um princípio constitutivo, uma vez que os sentidos produzidos decorrem do encontro do texto/enunciado com seus interlocutores, em diferentes situações e contextos históricos e culturais (Brait, 2016). Assumindo essa perspectiva, operamos com dois textos, ambos oriundos do jornal *O Nacional*, da cidade de Passo Fundo.

Criado em 1925, na versão impressa, o jornal se projeta como um importante veículo de comunicação da região norte gaúcha. Segundo a apresentação constante de sua página na internet, "sua missão é oferecer informação com qualidade, profundidade e de caráter imparcial" (O Nacional, 2024). Suas webnotícias são de livre acesso, ou seja, estão disponíveis gratuitamente aos interessados.

Para a definição do material de análise, observamos os dados contidos no *Mapa dos Feminicídios* referente a 2022 no estado gaúcho, elaborado pela Polícia Civil (2023). Segundo o documento, a Mesorregião Noroeste foi a segunda com maiores índices de feminicídios naquele ano. Em tal quadro, a cidade de Passo Fundo ocupou uma das posições iniciais do ranking.

Nessa linha, realizamos o levantamento de veículos jornalísticos registrados na base de dados *Atlas da Notícia,* iniciativa que mapeia veículos noticiosos no Brasil[5]. Selecionamos o jornal com mais tempo de atuação, ou seja, o mais antigo da cidade de Passo Fundo, pois consideramos subjacente a esse fator a abrangência ou adesão significativa de leitores.

Chegamos, então, ao jornal *O Nacional*. Em sua página na internet, procedemos à busca por webnotícias sobre feminicídios do ano de 2022 a partir das entradas "feminicídio" e "mulher morta", resultando em quatro webnotícias. Neste artigo, por razões de delimitação, centramos nossa análise em duas. O critério que determinou esse recorte diz respeito ao período de publicação das webnotícias: a primeira data de maio, sendo a mais próxima da metade do ano, e a segunda webnotícia data de dezembro, final de 2022. No Quadro 1, reproduzimos o primeiro texto.

Quadro 1. Webnotícia 1

[5] Disponível em: https://atlas.jor.br/.

Vítima de feminicídio é enterrada nesta segunda-feira (2) em Serafina Corrêa
A mulher de 41 anos foi brutalmente espancada com um pedaço de madeira pelo companheiro na madrugada de domingo (1º)
Por Redação ON
02 de Mai de 2022

Brutalmente espancada pelo companheiro na madrugada de domingo (1º), Márcia Fernanda Ferretti, de 41 anos, foi enterrada na tarde desta segunda-feira (2) em Serafina Corrêa.
A vítima, que deixou quatro filhos, morava no interior do município e, conforme relatos policiais, voluntários do Serviço Civil Auxiliar de Bombeiros e profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) foram acionados pelo próprio agressor, que diz ter se arrependido dos golpes dados na companheira.
Mesmo tendo sido encontrada com vida pelos socorristas, Fernanda não resistiu aos ferimentos na cabeça causados por um pedaço de madeira usado pelo companheiro após ter dado um soco no rosto da vítima em um[a] discussão entre o casal, que havia consumido bebidas alcóolicas naquela noite.
O acusado foi conduzido à Delegacia de Polícia Civil de Marau para o registro da ocorrência e, posteriormente, encaminhado ao Presídio Regional de Passo Fundo, onde permanece detido.
Há cerca de seis anos, a mulher já havia sido vítima de violência doméstica por um outro ex-companheiro, que a feriu com um machado também na região do crânio.

Fonte: O Nacional (2022a).

A webnotícia foi publicada no dia 02 de maio de 2022, assinada pelo autor institucional, jornal *O Nacional*. O título auxiliar tende a atrair a atenção do leitor devido ao tom de denúncia da crueldade do crime. Do ponto de vista dos recursos linguísticos mobilizados, a expressão "brutalmente espancada com um pedaço de madeira pelo companheiro" é responsável por divulgar um acento avaliativo acerca do modo como o feminicídio foi praticado. Ainda, contribui para esse projeto discursivo a reenunciação do mesmo trecho logo no início do corpo do texto da webnotícia. Ao cotejar esse fragmento com outros dois, correspondentes aos exemplos (1) e (2), alcançamos verificar sentidos mais profundos.

(1) A vítima, que deixou quatro filhos, morava no interior do município e, conforme relatos policiais, voluntários do Serviço Civil Auxiliar de Bombeiros e profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) foram acionados pelo próprio agressor, que diz ter se arrependido dos golpes dados na companheira.

(2) Mesmo tendo sido encontrada com vida pelos socorristas, Fernanda não resistiu aos ferimentos na cabeça causados por um pedaço de madeira usado pelo companheiro após ter dado um soco no rosto da vítima em um[a] discussão entre o casal, que havia consumido bebidas alcóolicas naquela noite.

Em cada um dos recortes, destacam-se as porções finais: “que diz ter se arrependido dos golpes dados na companheira” e “que havia consumido bebidas alcóolicas naquela noite”, respectivamente. Essas expressões adicionam avaliações aos objetos do discurso e, consequentemente, funcionam como recursos expressivos de adjetivação, que recategorizam o conteúdo antecedente. Assim, os trechos desempenham o papel de acorde entonacional finalizador — usando os termos de Volóchinov (2019). Com o linguista russo, entendemos que a posição das palavras ao final de um enunciado está para um objetivo semântico direto. No primeiro exemplo, lançar luz para o arrependimento do agressor. Já no segundo, enfatizar o sentido respectivo à responsabilidade pelo feminicídio e até mesmo explicar/justificar o ocorrido.

Nessa perspectiva, cumpre notar que o projeto discursivo também ganha contorno pelo próprio parágrafo de encerramento da notícia (“Há cerca de seis anos, a mulher já havia sido vítima de violência doméstica por um outro ex-companheiro, que a feriu com um machado também na região do crânio”). Ao apontar para o fato de ela haver sido agredida de forma semelhante em outras circunstâncias, esse discurso sugere que a mulher tenha uma parcela significativa de culpa pelas ocorrências. O ressalto valorativo, nesse caso, aponta para a concepção de que “mulher gosta de apanhar”, já que se mantém em relações nas quais impera um regime de agressões. Eis o discurso responsável por colocar em suspeição o caráter de vítima da mulher.

Fundamentalmente, nessa webnotícia, a relação de alteridade se constitui na e pela tensão entre vozes sociais em torno da violência contra a mulher: uma voz aponta para Fernanda como vítima; outra, como parcialmente culpada. Já o homem é apresentado como agressor, mas também como alguém que se arrependeu de seu ato. Assim, o enunciado jornalístico se configura como um terreno fértil de disputas de sentido, evidenciando o caráter dialógico-valorativo da linguagem.

Isso posto, passamos à apresentação da segunda webnotícia, mediante o Quadro 2.

10.18764/2525-3441v11n30.2026.09

Quadro 2. Webnotícia 2

Mulher é encontrada morta no bairro Zacchia
Polícia investiga possível [sic] de feminicídio, já que um homem foi visto na residência onde ela morava no último domingo (26)
Por Redação ON
26 de Dez de 2022

A Delegacia de Polícia de Proteção à Pessoa de Passo Fundo está investigando a morte de uma mulher de 51 anos. O corpo de Vera Lúcia de Lima e Silva foi localizado nesta segunda-feira (26), dentro da casa onde ela morava, na rua Armando de Felipo, no bairro José Alexandre Zachia. A principal hipótese para a morte é que ela tenha sido vítima de feminicídio.

Populares encontraram o corpo da mulher dentro da sua residência e acionaram a Brigada Militar. Ao chegar no local, os policiais consta[ta]ram que ela já estava sem vida, e com sinais de violência, com pelo menos duas perfurações no corpo, possivelmente causadas por uma arma branca. O Instituto Geral de Perícias esteve no local e deverá apurar as causas da morte.

"Era uma mulher muito boa, não tinha problema com ninguém e não tinha envolvimento com nada errado", comentou uma vizinha de Vera, que estava em frente à residência, no momento em que o local do crime estava isolado pela Brigada Militar.

Ela morava sozinha na residência, e moradores das proximidades relataram aos policiais que perceberam a movimentação de um homem na residência da mulher durante o final de semana. Ele foi visto chegando e saindo da casa no domingo (25), e por isso a suspeita é que ela tenha perdido a vida neste dia.

Os policiais devem analisar câmeras de videomonitoramento instaladas em residências, e em um estabelecimento comercial localizado nas proximidades, para identificar o suspeito de envolvimento na morte de Vera, bem como as circunstâncias do fato.

Fonte: O Nacional (2022b).

A webnotícia foi publicada na data de 26 de dezembro de 2022, também assinada institucionalmente pelo jornal. Para melhor organizar nossa análise, destacamos um excerto da webnotícia, correspondente ao exemplo a seguir (3). Observamos, neste exemplo, a relação de alteridade mediante a fala de outrem. O recorte abrange um discurso direto citado, apresentado entre aspas e delineado pelo verbo *dicendi* "comentar".

(3) "Era uma mulher muito boa, não tinha problema com ninguém e não tinha envolvimento com nada errado", comentou a vizinha de Vera, que estava em frente à residência, no momento em que o local do crime estava isolado pela Brigada Militar.

De acordo com o pensamento bakhtiniano, na produção de seu discurso, o falante/escrevente orienta dialogicamente o objeto em meio a um clima social tenso, entrando em relação dialógica com avaliações que envolvem esse mesmo objeto (Bakhtin, 2015). Assim sendo, a mobilização de palavras alheias, embora possa sugerir uma individualidade, neste caso a da vizinha de Vera, não deve ser tomada tão somente como sugestiva de uma opinião individual.

O discurso direto citado (“Era uma mulher muito boa, não tinha problema com ninguém e não tinha envolvimento com nada errado”) sugere o estabelecimento de uma relação dialógica de concordância entre a posição axiológica do jornal e o conteúdo-sentido da declaração da vizinha de Vera. Com efeito, a reenunciação de tais palavras, levada a cabo pelo jornal *O Nacional*, configura uma autonomização do enunciado, que lhe confere uma espécie de autoridade impessoal e reacentua o discurso ao ponto de torná-lo uma opinião de consenso, potencialmente compartilhada com os leitores — coro de apoio pressuposto. Em outros termos, o enquadramento do discurso alheio oportuniza ao jornal veicular a avaliação social de que uma vítima, em sendo “uma mulher muito boa”, não pode/merece/deve morrer.

Subentendida a tal parte linguisticamente realizada está a seguinte concepção: se há mulheres consideradas boas, que não têm envolvimento com nada errado, logo, que não devem ser mortas, é possível supor que existem mulheres consideradas ruins, que se envolvem com coisas tidas como erradas e que, portanto, poderiam ser sacrificadas. A morte, nesse caso, seria uma punição aceitável às mulheres “ruins” ou, dito de outra forma, mulheres “ruins” merecem ser mortas.

Devemos nos perguntar o que se entende, nesse caso, por “boa” ou “ruim”. Evidentemente, são valores sociais relativos para cada cultura e, como é de se atinar, no patriarcado, mulher boa é aquela recatada, que evita conflitos (notamos o trecho “não tinha problema com ninguém”) e que não se envolve para além do ambiente doméstico e familiar, pois elementos do mundo exterior muitas vezes são considerados inadequados (o que pode explicar a passagem “não tinha envolvimento com nada errado”).

A estrutura patriarcal, tal como descrevem Segato (2022) e hooks (2018), espera das mulheres um comportamento servil aos homens — a elas cabe ainda a maior parte da rotina de limpeza e conservação da casa —, restrito ao ambiente doméstico ou, no máximo, a determinadas profissões historicamente exercidas por mulheres. Quando essas mulheres são responsáveis pelo sustento do lar, possuem salários mais altos do que seus companheiros, assumem cargos de liderança, impõem-se nas suas relações,

ou vivem livremente sua sexualidade, costumam ser bastante criticadas. Mereceriam essas mulheres serem atacadas? Trata-se de uma refração da tese da legítima defesa da honra, que, como mencionado anteriormente, por muito tempo autorizou o assassinato de mulheres[6].

O enunciado da vizinha de Vera, "era uma mulher muito boa", antecipa enunciados vindouros responsáveis por questionar o grau de culpabilidade de Vera no ocorrido, cujos interlocutores imediatos são o jornal e seus leitores. Efetivamente, como afirma Bakhtin (2010), o fenômeno do dialogismo velado implica em uma influência ativa da palavra do outro no discurso do falante, a qual se dá de dentro para fora. Ocorre então que "O discurso sente tensamente ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto, e a sensação da presença desse discurso lhe determina a estrutura" (Bakhtin, 2010, p. 225).

Se a vítima de feminicídio era ou não uma mulher "boa" e, portanto, se merecia ou não ser morta é o que os interlocutores tendem a inquirir. Aqui estão em jogo, portanto, as convicções projetadas para o ouvinte/leitor — seu campo aperceptivo (Bakhtin, 2015, 2016a). A fala da vizinha ("Era uma mulher muito boa, não tinha problema com ninguém e não tinha envolvimento com nada errado") se instaura como uma iniciativa de defesa da memória da vítima, constituída *na* e *pela* tensão dialógica com o conteúdo implícito que discutimos.

Podemos relacionar toda essa discussão com a noção de existência discursiva, tal como abordada por Brait e Gonçalves (2024). Para os autores, a condição de existência

> refere-se à maneira como a(s) *diversidade(s)*, quer de grupos, povos ou populações, diferenciados por suas *maneiras de ser* cultural e socialmente, concretizam-se enquanto vozes, *faladas* ou *falantes*, em diferentes gêneros, em diferentes enunciados concretos, artísticos e não artísticos (Brait; Gonçalves, 2024, p. 17).

Nas webnotícias que analisamos, o grupo social das mulheres constitui o objeto discursivo, enunciado por meio do autor institucional jornalístico e por

[6] Na esteira dessa discussão, cabe lembrar o feminicídio da socialite Ângela Diniz, ocorrido em 1976 e que alcançou grande repercussão nacional e internacional. Isso porque, no primeiro julgamento, a defesa de Raul Fernando do Amaral Street alegava que ele teria matado "por amor".

ele caracterizado de maneira sociovalorativa. Embora no segundo texto o enunciador estabeleça uma interação discursiva com uma alteridade representante do grupo social das mulheres (a vizinha de Vera), predomina o acento valorativo culpabilizante. Com efeito, é possível concluir que, nas duas webnotícias, a existência discursiva alteritária resulta concretamente determinada por vozes sociais refratantes de uma visão de mundo patriarcal, enunciada tanto por meio do autor institucional quanto por meio da vizinha de uma das vítimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de alteridade é central na teoria dialógica da linguagem, figurando ao lado do dialogismo. Em vista disso, o fenômeno discursivo do diálogo propicia observar relações de alteridade no plano da linguagem e, consequentemente, compreender a relação constitutiva entre centros axiológicos. Com efeito, observamos uma tensão discursiva entre vozes sociais que imputam culpa às mulheres e vozes orientadas pela defesa das vítimas, inclusive de sua memória, como ocorre na segunda webnotícia analisada.

Ao colocar em diálogo a teoria do Círculo de Bakhtin com o feminismo dialógico, afirmamos a compreensão do *outro* como condição à vida. Assim, tratamos de examinar a alteridade constitutiva de duas webnotícias sobre feminicídios, publicadas no jornal *O Nacional*, de Passo Fundo, em 2022, ano com elevados índices de mortes de mulheres por razões de gênero nessa cidade.

Com este trabalho, salientamos a necessidade de um jornalismo comprometido com a construção de uma sociedade justa e, mais especificamente, que trate violências com a devida sobriedade e celeridade, evitando romantizações e sensacionalismos. Para tanto, ao direcionar um olhar analítico e reflexivo à esfera discursiva jornalística, reivindicamos a desnaturalização de sentidos historicamente (re)afirmados como certos e adequados, únicos e irrefutáveis.

Nessa perspectiva, uma vez alinhado ao paradigma da LA Implicada, este trabalho persegue o objetivo de contribuir para a transformação social, ao propiciar aquilo que Souto Maior (2023, p. 67) entende como "ressignificação coletiva de determinados aspectos". Em suma, trata-se de firmar os estudos da linguagem na construção de uma vida social plural e em constante renovação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. *In*: BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I*: A estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015 [1934-1935]. p. 19-242.

BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016a [1959-1961]. p. 71-108.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016b [1952-1953]. p. 11-70.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1963].

BEZERRA, P. Bakhtin: remate final. *In*: BAKHTIN, M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 81-96.

BRAIT, Beth. O texto na perspectiva de Bakhtin e o Círculo. *In*: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). *O texto e seus conceitos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 13-30.

BRAIT, Elisabeth; GONÇALVES, Jean Carlos. Uma nova audição de *Índia*: nas dobras do silêncio, um falante corpo exposto. *EntreLetras*, v. 15, n. 2, p. 4-22, maio-ago. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/19178. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: DF, 9 mar. 2015. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm. Acesso em: 16 out. 2025.

BUBNOVA, Tatiana. Palabra propia, palabra ajena. *Enunciación*, v. 14, n. 01, p. 135-144. jan.-jun. 2009. Disponível em: https://revistas.udistrital.edu.co/index.php/enunc/article/view/3279. Acesso em: 14 out. 2026.

DI FANTI, Maria da Glória; BOENAVIDES, Débora Luciene Porto; MARTINS, Luciane Alves Branco. Contribuições bakhtinianas para um feminismo dialógico. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 03, p. 570-583, set.-dez. 2021. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42205. Acesso em: 16 out. 2025.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo*: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf. Acesso em: 22 set. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *19º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/279. Acesso em: 22 set. 2025.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Segurança Pública. *Monitoramento dos Indicadores de Violência Contra as Mulheres no Estado do Rio Grande do Sul no Ano de 2025*. Disponível em: https://admin.ssp.rs.gov.br/upload/arquivos/202601/15143243-site-violencia-contra-as-mulheres-2025-atualizado-em-05-janeiro-2026-publicacao.xlsx. Acesso em: 06 fev. 2026.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo*: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MIRANDA, Rafaela Oppermann. *Vidas de mulheres importam?!*: dialogismo e valoração em webnotícias sobre feminicídios no noroeste gaúcho. 2025. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2025.

O NACIONAL. *Mulher é encontrada morta no bairro Zacchia*. 2022b. Disponível em: https://www.onacional.com.br/policia,11/2022/12/26/mulher-e-encontrada-morta-no-bai,124659. Acesso em: 26 jan. 2026.

O NACIONAL. *Sobre*. Passo Fundo. 2024. Disponível em: https://www.onacional.com.br/sobre. Acesso em: 29 jul. 2024.

O NACIONAL. *Vítima de feminicídio é enterrada nesta segunda-feira (2) em Serafina Corrêa*. 2022a. Disponível em: https://www.onacional.com.br/regiao,17/2022/05/02/vitima-de-feminicidio-e-enterrad,121963. Acesso em: 26 jan. 2026.

ONU MULHERES. *Violência contra as mulheres e meninas é pandemia invisível, afirma diretora executiva da ONU Mulheres*. 07 abril 2020. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/. Acesso em: 10 jul. 2024.

PASINATO, Wânia. "Femicídios" e a morte de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37. p. 219-246, jul.-dez. 2011. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645012. Acesso em: 16 out. 2025.

POLÍCIA CIVIL. Rio Grande do Sul. *Mapa do Feminicídio*. Mapeamento das mortes violentas com vítimas do sexo feminino, tipificadas como feminicídio, ocorridas no Rio Grande do Sul no ano de 2022. 2023. Disponível em: https://www.pc.rs.gov.br/upload/arquivos/202301/11082838-mapa-dos-feminici-dios- 2022.pdf. Acesso em: 14 out. 2025.

PUIGVERT, Lídia; RUÍZ, Laura. Teoria feminista do século XXI: as vozes das outras mulheres. *Revista Fórum*, Braga, v. 33, p. 45-58, jan./jun. 2003. Disponível em: https://revistas.uminho.pt/index.php/forum/article/view/2169/2334. Acesso em: 16 out. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. *E-cadernos CES [Online]*, 18, 2012a. Disponível em: http://journals.openedition.org/eces/1533. Acesso em: 16 out. 2025.

SEGATO, Rita. *Cenas de um pensamento incômodo*: gênero, cárcere e cultura em uma visada decolonial. Tradução de Ayélen Medail *et al*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SEGATO, Rita. Femigenocidio y feminicidio: una propuesta de tipificación. *CLASE*, Buenos Aires, 2012b. Disponível em: https://biblat.unam.mx/pt/revista/herramienta-buenos-aires/articulo/femigenocidio-y-feminicidio-una-propuesta-de-tipificacion. Acesso em: 16 out. 2025.

SEGATO, Rita. *Qué es un feminicidio*: notas para un debate emergente. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2006. Disponível em https://www.nodo50.org/codoacodo/enero2010/segato.pdf. Acesso em: 16 out. 2025.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. A Linguística Aplicada e a implicação na pesquisa: uma leitura bakhtiniana. *In*: OLIVEIRA JR., Miguel; MAGALHÃES, Ana Clara (org.). *30 anos do PPGLL UFAL*. São Paulo: Pontes, 2023. p. 52-77.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum*: para todas, todes e todos. 16. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. A interação discursiva. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929-1930]. p. 201-226.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930]. p. 266-305.

Enviado em: 06 de maio de 2026
Aprovado em: 19 de outubro de 2026